



PRIMEIRAS PESSOAS

Coletânea de textos do I Laboratório de Escrita do IFSC

Ana Zaretsky
Carol Ferrari
Clara Motta
Dalita Laurinha Schmoller
Juliana Rabelo
Julio Machado Correia
Leonardo Raimundo
Luísa Chini Baptista
Maria Cândida de Azambuja
Victor Hugo Martins
Vitor Abreu Faraco

Patrícia Galelli e Elisa Tonon (Orgs.)

PRIMEIRAS PESSOAS

Ana Zaretsky
Carol Ferrari
Clara Motta
Dalita Laurinha Schmoller
Juliana Rabelo
Julio Machado Correia
Leonardo Raimundo
Luísa Chini Baptista
Maria Cândida de Azambuja
Victor Hugo Martins
Vitor Abreu Faraco

PATRÍCIA GALELLI

ELISA TONON

Organizadoras

PRIMEIRAS PESSOAS

Coletânea de textos do I Laboratório de Escrita do IFSC

CLUBE DE ESCRITA DO IFSC

Florianópolis/SC

2022

O Laboratório de escrita é uma ação vinculada ao projeto de extensão Clube de escrita 2022. Essa ação surgiu da demanda por maior continuidade no trabalho com a escrita. Por isso o Laboratório visa acolher pessoas que buscam desenvolver a escrita com um pouco mais de demora, tendo o apoio e o estímulo do grupo e da condução de uma artista e escritora mais experiente.

Para nós, da equipe organizadora, é uma alegria imensa que esse primeiro laboratório tenha sido conduzido pelas mãos generosas e entusiasmadas de Patrícia Galelli, a quem agradecemos imensamente! Somos igualmente gratas a essas “primeiras pessoas” que aqui expõem um pouco das suas criações e abrem caminho para ações futuras.

O Clube de escrita é um projeto de extensão do IFSC Campus Florianópolis dedicado à escrita criativa e desenvolvido por uma equipe de estudantes e professores. O grupo realiza encontros mensais entre pessoas interessadas na experiência da escrita literária, artistas e escritores. O objetivo do projeto é proporcionar, através da leitura e escrita de textos literários, o exercício da autoria, a prática da escuta, a troca entre os participantes e a divulgação do trabalho de artistas e escritores contemporâneos.

Elisa Tonon

Imaginemos que um laboratório de escrita, diferente de um laboratório equipado para a realização de experimentos e pesquisas científicas, não é apenas um lugar, mas um espaço para o estar transitório. É um revelar para si o jeito próprio de dizer, testar a voz, os modos de ler, modos de escrever, maneiras de conversar. O laboratório, na escrita, é um espaço movente e, sorte nossa, um tanto simbólico. Um espaço subjetivo que sustentamos juntos quando implicamos, no centro dele, nesse núcleo comum, o desejo pessoal de escrever. Subimos as escadas, desvendamos o labirinto arquitetônico, chegamos na sala de encontro, mas nosso laboratório de escrita não aguenta ficar entre tijolos. É um espaço aéreo, cujos instrumentos passamos a portar por transmissão e contágio mútuos, no vaivém da leitura e da escuta, no manuseio radical da imaginação e da memória, entre o equívoco da linguagem e a busca infinita de equações possíveis no código comum que é a nossa língua.

Estivemos juntos. Inauguramos diários, acompanhados por Sylvia Plath, Natalia Ginzburg, Carolina Maria de Jesus. Acessamos “modelos de sensibilidade”, compartilhando ritmos – de João Cabral de Melo Neto, Ana Martins Marques, Ana Cristina Cesar, Carlos Drummond de Andrade. Transitamos entre Conto e Crônica, com Clarice Lispector. Lygia Fagundes Telles, com Piglia e Cortázar, veio desvelar ainda mais o Conto. E, para a leveza da “literatura de bermudas”, Antonio Candido acompanhado de Fernando Sabino e Luís Fernando Veríssimo. Entre outros interlocutores e interlocutoras, estivemos juntos, estivemos transitórios, experimentando.

O convite da professora e escritora Elisa Tonon, coordenadora do projeto de extensão Clube de Escrita do IFSC, foi esse percurso desafiador que começa na experimentação e tem a parada certa na publicação. Assim, durante os cinco encontros da minha oficina “Antes de esquivar, depois de escrever”, pensada especialmente para o laboratório, percorremos esse espaço, a liberdade desse espaço conjunto, mantendo a ética do trabalho solitário e da voz singular, pois, como reflete Lygia Clark: “se o homem não pode sentir como é importante esse desenvolvimento interior - chamemos de uma forma que nasce com a pessoa como um punho fechado, talvez se abrindo no primeiro tempo com o próprio nascimento - então ele jamais poderá atingir sua plenitude como a rosa que se abre dentro do seu próprio tempo e morre amorosamente realizada, inteligente e feliz...”.

Patrícia Galelli

SUMÁRIO

- 9** | Ana Zaretsky
- 17** | Carol Ferrari
- 24** | Clara Motta
- 30** | Dalita Laurinha Schmoller
- 36** | Juliana Rabelo
- 41** | Julio Machado Correia
- 48** | Leonardo Raimundo
- 59** | Luísa Chini Baptista
- 66** | Maria Cândida de Azambuja
- 69** | Victor Hugo Martins
- 75** | Vitor Abreu Faraco
- 79** | MINIBIOS

ANA ZARETSKY

UM CASO DE ATRASO

A primeira coisa a se perceber na sala de estar era um tímido vazio característico dos minutos iniciais de uma festa, o que só poderia significar que eu estava adiantada segundo os parâmetros da minha ansiedade social. Ou, sendo mais honesta, meu maior incômodo era ter de falar com cada um dos presentes (ainda que não fossem muitos) e correr o risco de me deparar com alguma interação indesejada sem ter a desculpa de uma casa lotada para evitá-la. Mas eu estava decidida a não deixar que minha capacidade de ser um livro aberto a todo momento e meu medo do constrangimento sabotassem a oportunidade perfeita de viver a vida com leveza e espontaneidade. De início, tomei refúgio na mesinha de petiscos e não muito depois na bebida.

Eu não gostava de beber. Ou melhor: eu não gostava de ficar bêbada. Sabia exatamente o ponto de parar, mas sentia que naquele dia era possível fazer uma exceção e celebrar sem receios numa casa lotada de acadêmicos que estavam pouco ligando para o que pensavam deles. Atravessar esse pequeno obstáculo era o problema número um. O segundo problema tomou forma na chegada de Antônio. Fisicamente, ele não tinha mudado muita coisa, quiçá somente por alguns poucos fios brancos na cabeleira espessa e de um castanho quase negro. Seus olhos me atravessaram

como um tiro no peito. Eu poderia ter ficado constrangida devido à maneira como as coisas tinham ficado entre nós, mas já estava suficientemente “alta” quando ele chegou para que desse muita importância.

— Você não parece você — disse ele, sério demais.

— Realmente, você chegou tarde. Perdeu a Lara — respondi simplesmente. Antônio riu um riso forçado, quase melancólico, e aquiesceu enquanto se afastava. Só o fato de ele ter se aproximado para dizer algo era demais, então deixei pra lá. E, com a naturalidade enganosa de uma bailarina, eu voltei a serpentear entre uma roda de conversa e outra, rindo, falando alto ou apenas ouvindo pessoas tão acaloradas quanto eu.

Era um calor distinto o da embriaguez. Deixava-me com a sensação de estar à beira de algo. Do caos, talvez? Quem sabe, era só a maior probabilidade das coisas acabarem dando em merda. Ao mesmo tempo, havia aquela leveza de não se levar tão a sério e por isso mesmo baixar a guarda, colocar o filtro para escanteio. Até me fazia apreciar o intenso verão recifense de uma maneira que em outro estado eu não conseguiria. Assim, na hora dourada, eu me vi deitada na espreguiçadeira, observando a água da piscina tremular na luz. Meu corpo suado e quente depois de uma maratona de dança lasciva no meio de desconhecidos; estava ofegante e levemente tonta, segurando um copo recém esvaziado na mão. O sol já perdia o brilho, mas o pouco que me fornecia fazia minha pele resplandecer em um pegajoso tom caramelo.

O olhar de Antônio pesava sobre mim mesmo através do vidro da porta que dava acesso à sala de estar. À distância, ele mantinha aquela fixação desde que chegara, mudando rapidamente seu foco quando eu olhava em sua direção. Ele mal sabia fingir. Então, me dispus a ignorá-lo, pois já tinha superado o cons-

trangimento inicial que sempre me dominava em circunstâncias sociais para me deixar abalar pelo comportamento de uma só pessoa.

Sentei-me e logo percebi o olhar de alguém que eu teria notado antes não fosse a insistência muda de Antônio. Sorri para o moreno de barba grisalha e espessa. Era Glauber. Glauber: discente do departamento de artes plásticas se sentou ao meu lado na espreguiçadeira. Trocamos algumas ideias — ele tentou fazer um paralelo entre mim e o sublime de Kant. Uma péssima tentativa, mas guardei para mim. Trocamos risos também. E toques. Estávamos cada vez mais próximos, tanto que eu podia sentir seu hálito quente com traços de nicotina e cerveja. Rascunhamos um beijo que não se desenhou. Uma mão estrangeira daquele círculo íntimo se firmava em meu ombro, seu dono não era nenhum estranho: Antônio. Quanta ousadia!, pensei, encarando-o com um misto de ira e descrença.

— Estão te procurando lá dentro — ele disse. Péssimo mentiroso, eu teria dito, mas apenas assenti, seguindo-o depois de me desvencilhar educadamente (ou quase isso) de Glauber. “Não faz mal” — tentei me assegurar, intimamente. “Ele deve ter outras na lista” Certamente que sim.

Ao mesmo tempo me sentia uma idiota, uma tolinha. Quase nunca tinha oportunidades como aquela e agora estava deixando passar por causa de quê? Ou melhor, de quem? A expectativa crescia, não nego. Cada passo dado era um degrau adentro, na direção de mim mesma. Quem sabe fosse aquela que Antônio apontava como verdadeira. Quem sabe... Sentia um nó formando em meu peito. A atmosfera dentro do apartamento era densa, regada a álcool, drogas e uma sensualidade que ultrapassava o nível palpável dos corpos dançantes e dos casais recém-formados, estes que se dissolveriam tão rapidamente

quanto o meu quase envolvimento com Glauber.

Esse contexto inebriante foi bruscamente diluído como o abrir e fechar de uma maçaneta.

Estávamos na rua. Ventava pouco e a lua minguava à espera das luzes dos postes acenderem.

— O que você quer?

— Te impedir de fazer algo que vai se arrepender depois.

— Por quê?

— Porque eu gosto de você.

Silêncio.

— Não da forma que você gostaria — completou ele.

— Não da forma que eu gostaria — repeti, soltando um riso anasalado.

— Eu já tive sua idade, Lara. Só estou tentando ser um bom amigo.

— Nós não somos mais amigos. Você se certificou disso — Por alguma razão, sentia que não chegaria a lugar nenhum com aquela conversa. Em parte, me arrependia de ter me colocado naquela posição.

— Já faz anos. Esquece isso, ok? — suspirei.

— Lara...

— Isso nem faz mais sentido para mim — menti, chutando uma pedrinha qualquer.

— Eu sei que faz — insistiu Antônio.

— Você sabe ou só quer que faça?

Silêncio de novo. Antônio engoliu em seco.

— Por que você não consegue simplesmente dizer não? Essa indefinição de sentimentos acaba comigo — Meu tom de voz começava a se alterar e eu gesticulava com pouca discrição.

— Você sabe melhor do que ninguém que uma vez que diga isso não tem volta. Então, fico com a pureza e a simplicidade do não dito. Gostaria que você pudesse fazer o mesmo — Ele permanecia calmo. Como ele

conseguia permanecer calmo?

— Um pouco tarde pra isso — murmurei. Em parte irritada, por outro lado vencida. Antônio, enfim, conseguira me desestabilizar. Só não sabia se suas intenções eram de fato puras ou se a malícia perpassara seus pensamentos desde que me encontrara naquela festa.

— É... — concluiu ele — Acho melhor te deixar em paz agora. Sinto muito pelo inconveniente.

De início, não reagi. Depois assenti levemente com a cabeça, não adiantava — era chutar cachorro morto. Não vi quando ele entrou. Naquele momento, o único peso que sentia era o da versão de mim que Antônio talvez tenha julgado ser verdadeira — se é que ele chegou perto disso —, sobre meus ombros: aquela quebrada e sóbria, sentada no meio fio da Rua do Atraso.

FUGA

O hospital é meu tanque de
privação sensorial
meu corpo passa de mão em mão
e eu não ligo
nem pra nudez
não me preocupo
com satisfações
não sinto o peso
do julgamento de deus
e dos olhares conhecidos
sei que ainda existe frustração
em algum lugar desta caixa cor-de-giz
também sei que este torpor não dura
e que minha existência perdura
mesmo depois do mal que me fiz.

CALMA

é uma alga que dança numa rede de conexões líquidas.

CAROL FERRARI

TANTOS DIAS

Eu tentei produzir um poema sobre o isolamento. Era uma carretilha: XAABXCCB. Fiquei presa na forma. Não tinha rima pra imensidão de sensações que me tomava. Pisquei, 3 dias se passaram e só escrevi 2 versos. Pisquei novamente e o relógio não marcava tempo algum.

Percebo o tempo de muitas formas nesse período. Mas pouco importa. Esqueci do que é o mundo. Isolada. Aislada. Ilhada. Me afogo no mar de mim. Ondas cheias de meus próprios pensamentos. Paralisada. Sem ar.

Vejo o vazio e paredes. Me iludi dizendo que eram dias - uns poucos. Mas são meses que se acumulam sobre a mesa como a papelada de um burocrata qualquer.

Me sinto frágil diante do mundo. Estou esgotada em todos os sentidos que possam não ser mais. Isolada da humanidade. Apartada de mim. Cercada de mim. Nessa desordem cheia de equívocos, impregnada de incertezas, tento produzir o meu poema. Uma carretilha, já disse.

Pandemia, isolamento, renúncias e resistência. Parece que não estou mais sã. Talvez seja alucinação, mas há potência na instabilidade.

Pisquei pela última vez para ter certeza do que via:

São tantos dias.
Uma imensidão transborda.
Me enforca aquela corda
do vazio de querer.
Isolamento.
Existência se acumula.
Mesmo assim me estimula,
penso em sobreviver.

Estou ilhada.
Sei que há gente em toda parte,
mas aqui dentro tem arte
pra evitar a solidão.
Vejo paredes.
Os limites da existência
demarcando a permanência,
ampliando a escuridão.

As cicatrizes
por um tempo ainda abertas
cura vem com descobertas
de um olhar cheio de afeto.
Fico pensando:
O que é mesmo o normal?
Não quero fazer igual.
A mudança é meu projeto.

-

Sou uma farsa.
Poesia enlatada
alguns dias engasgada
mas não posso mais conter.
Sou uma farsa.
Quem ficar pra ver verá
ao final o que restará
é o rubor de não mais ser.

Sou uma farsa.
Desaprendo cada dia.
Aparento primazia,
mas só posso ser quem sou.
Sou uma farsa.
Aqui dentro eu bem sei
com o tempo eu mudei.
O meu corpo esvaziou.

Eu me disfarço
de poeta e sensível
e dizer o indizível
é um logro, enganação.
Eu me disfarço
de artista bailaora.
Veja bem: eu não sou boa.
Tudo é pura ilusão.

Eu me disfarço
pra conquistar o aplauso.
Danço mesmo e conto causo,
porém isso é vaidade.
Eu me disfarço
e por dentro essa agonia
dessa maldita poesia
que denuncia a verdade.

TEMPO

Um dia passa
e faz tudo virar antes.
A memória dos instantes
é o que molda o pensamento.
Estremadura
da passagem da existência,
vem marcando com cadência,
livre e leve como o vento.

Sem perceber
o futuro é história
e a linha divisória
foi marcada no papel.
A quem importa
contabilizar a vida?
Melhor brincar distraída
nas voltas do carrossel.

RITMO
é pedra no caminho da pele.

CLARA MOTTA

ESPASMOS

Mudo a cama de lugar e todo o sono parece demorar para se acostumar com a nova distribuição dos móveis. Uma noite inquieta e uma manhã cinza. Acordo contorcida, os olhos marejados, mistura de choro e bocejo. O útero inchado, se revirando dentro da minha pequena cavidade pélvica. Tento levantar a cabeça para ver as horas, mas ela está pesada como se tivesse tomado um porre na noite anterior. Elas: a cabeça e as horas. Consigo apenas apalpar os travesseiros, almofadas e meias esquecidas por entre as dobrinhas do lençol - fruto das ondas de calor de madrugada - em busca do celular. Enrolo cinco, dez, quinze, uma hora antes de levantar atrasada e varrer chão, esticar lençol, espalhar álcool com limão em cima de todas as superfícies lisas da cozinha. Coloco um *podcast* de notícias para ouvir, aparando as arestas da desorganização e fingindo me esquecer do que aconteceu na noite anterior. Quando chego ao banheiro para enfim tomar um banho quente e começar mais um dia, a cordinha do capuz do moletom verde, aquele mesmo que fez eu quase pagar um acréscimo do peso da bagagem na última vez que fui visitar minha avó, faz um carinho quase imperceptível em meus pulsos descobertos e dou um pulo. Grito: a garganta arranhada por aquela faca, um sopro pontiagudo de horror, milhares de seres pequeninos adentrando todos os orifícios de meu corpo. Com o

grito, a lembrança: uma calda pelada e cor de rosa, aquele rabinho adentrando as louças limpas, depois o pote onde acumulo as cascas dos legumes, a pouca louça suja que deixei na pia, aqueles pedaços de excremento não sei de que natureza, não sei o que pensar a não ser uma invasão, uma invasão que me faz querer ir embora, como se a morte fosse mais fosse mais difícil que a fuga. Me restava empacotar todas as coisas, me despedir das esquinas do quarto e partir.

Cada molécula do meu corpo gritava corra, ao passo que não conseguia mexer um único músculo. Perdi, por segundos, toda a minha capacidade de movimentação voluntária, não conseguia contrair nada. Era ao mesmo tempo uma coisa flácida e uma coisa rígida - um corpo passivo, violado, invadido. Minha avó sempre dizia que a cozinha é o coração da casa e era como se a porta estivesse entalada, impedindo o bombeamento de sangue que garante uma boa circulação. Respiro uma, duas, três vezes e me agarro à beirada das minhas narinas como uma boia salva-vidas. Todo meu esforço de atenção naquele pequenino perímetro do corpo, o encontro do ar com a pele nesse eterno movimento de vai e vem e entra e sai. Respiro quatro, cinco, seis e mais uma onda de arrepio: tento piscar os olhos enquanto uma gota fria de suor escorre por entre meu nariz e minha bochecha. Os olhinhos pretos, inteiramente pretos, agora me olhavam com uma firmeza que não deixava dúvidas. Aquela realidade era dilacerante. As patinhas dianteiras apoiadas na borda da panela e os vários grãos de arroz triturados por aqueles dentes de pequeno predador. Eu havia pego em flagrante ele se alimentando vorazmente de meus restos.

Tento retomar o ritmo da respiração e fecho a porta de maneira brusca. Pego uma mala e começo a jogar dentro dela coisas sem as quais não se vive: uma

segunda pele, casaco quente, calça de moletom, mais um punhado de roupas, livro, tesoura, isqueiro, cigarros e alguns poucos artigos de higiene pessoal. Quando me coloco pronta diante da porta de vidro que separa a sala de estar da cozinha reparo mais uma vez naqueles olhinhos tão pretos vidrados nos meus. Ficamos ali durante alguns mundos-minutos. Mas isso não era nenhuma espécie de conciliação: fitava os olhos pretos em busca de uma rota de fuga – encarava a realidade do predador dentro de casa e acumulava a coragem para atravessar o cômodo e alcançar a porta de saída.

Calculava se seria mais fácil sair de olhos abertos ou de olhos fechados. Decido subitamente como um jogo de sorte: fecho os olhos, seguro minha pequena maleta com força e corro até a porta. Me esqueço da escada em espiral que dava acesso à casa, os gravetos e folhagens exageradamente grandes, as carícias indesejadas na pele, vou descendo cada vez mais baixo, mais baixo, tentando encontrar o chão em meio a constante sensação de meus pés flutuando naquelas tábuas de madeira. Sinto uma corrente elétrica dos pés à cabeça e tenho a certeza de que ele está ali. Abro os olhos e dou de cara com o portão entreaberto: me espremo para sair sem fazer muito barulho e acordar os vizinhos e sigo o caminho pela rua calçada de pequenos tijolinhos e mau iluminada, pensando em como faria pra voltar e se haveria volta.

De repente o telefone toca e me lembro que não tenho muito tempo até a hora de sair de casa e ir ao trabalho. Tiro o moletom verde, que fica jogado em cima do vaso sanitário como se ali fosse seu verdadeiro lugar e entro no banho às pressas. Coloco uma roupa minimamente apresentável me movendo com dificuldade devido ao inchaço uterino e os espasmos constantes, pego minha bolsa, abro a porta de vidro

que separa a sala da cozinha, fecho, tranco, verifico
uma duas três vezes se está de fato bem trancada e
atravesso a cozinha sem olhar para os lados.

CÓLICA

é um cão com raiva em uma gaiola de espinhos.

ENJOO

é uma festa de periquitos besuntados em óleo rançado.

DALITA LAURINHA SCHMOLLER

-

Ele não tinha voz
Ela não tinha vez

Ele desmanchava nós
Ela, por completo, se desfez

A noite ele chorava
De dia ela sorria

No crepúsculo ele cantava
Enquanto a vida ela escrevia.

PESSOAS COM PENSAMENTOS SOLTOS

A necessidade de se catalogar
Caixas e mais caixas
Onde exigem um se encaixar.

Não posso ser eu mesma
Não sou aceita
Mesmo que digam
“Seja você, venha cá!”

Tomam conta de mim
indagações e emoções
que já me perturbaram
Neste instante, não mais!
Me desintegro
Eu já sei o que quero
E também o que falo

O não entendimento
Traz o entendimento
Do não entender
Daquele que me escuta

Eu falo por mim
Eu escolho que seja assim
Essa é a minha literatura

Conteúdos da alma
Não são histórias
São a voz de um coração

Eu escolho ser portadora do novo
Me nego ser antiquada
E permanecer na ilusão
De que não devo seguir
E de que não posso criar.

-

Do amarelo desfez-se o branco
Do azul vou até o sangue vermelho

Entre quadrados de luz e cor,
Encontra-se a sombra.
O tamanho não importa,
Muito menos quem está no meio.

Como a arte,
A vida também deixa margem para percepção
O daltônico verá o mesmo que alguém que não é não?

O que eu vejo se perde no que o outro percebe.
E ali mesmo onde se inicia,
Também tem um meio e um final.

De pernas para o alto,
De cabeça no chão,
O que você vê é real?
Sim ou não?

TPM

a donzela raptada está escondida no fundo de um poço,
enquanto a bruxa má cospe sapos utilizando a sua cara.

JULIANA RABELO

O AFETO PÓS-PANDÊMICO EXISTE

Ir ao mercado é fazer teste de suficiência cardíaca. É cada susto com os preços das coisas. Se no auge da pandemia nos preparávamos como numa guerra para enfrentar o vírus que poderia estar em qualquer corredor do mercado, agora nos preparamos mentalmente para comprar o básico do básico.

Hoje eu não posso gastar mais de 200 reais. Filha, fica aqui perto de mim, não vai pra longe! Pasta de dente ainda tem, óleo também, flocão de milho, pão...Filha, você vai cair! MENINA! Leite, preciso de leite...Filha se segura que a gente vai zig até os la-ti-cínios, zag buscar o leite. E rimos até avistar o preço de uma única caixinha de leite. "Credo, é sério esse preço? 6 reais um leite?", falei tão alto e tão automático quanto um buzinaço ao ser cortada no trânsito.

Ela me olhou incrédula como se alguém tivesse lido sua mente. "Tá difícil, moça. Eu também estou chocada com o preço aqui no Brasil", disse a alguns passos de mim. "Eu moro em Londres há 14 anos, estou só de passagem, mas eu nunca vi uma situação tão deplorável como a de agora", continuou. A identificação foi de primeira. Não é sempre que esbarramos com alguém indignado com os rumos do país.

"Você sabe por que está assim, né?, antes de responder, ela continuou: "Por conta desse governo, ou melhor, desgoverno". E danou a falar, reclamar,

desabafar, desobstruir e eu fui deixando e só concordando porque aquela revolta era minha também. “Olha que me lembro da época pós ditadura e do plano Collor quando a inflação estava em mais de 1000%”, frisou. Ela contou que passaria três dias sabáticos na cidade, estava aqui para recarregar a energia e esquecer a rotina de médicos e hospitais com os pais doentes em São Paulo, o motivo da vinda ao Brasil.

“Ai desculpa, tô aqui falando sem parar. Eu sou Priscila, prazer! Essa é sua filha?”, perguntou. “Sim, aliás preciso ir que ainda tenho que fazer almoço, arrumar a casa e levá-la na escola”. Trocamos contato rapidamente.

Dois dias depois, o telefone toca e é Priscila dizendo estar próxima da minha casa, a convido e quando desligo o telefone fico pensando em como aquela situação era estranha nos tempos atuais. Após tanto tempo isolados, mais antissociais do que nunca, pensando dez vezes antes de sair de casa, receber uma nova pessoa ficou um tanto desajeitado.

A visita rendeu bons papos, risadas, boas trocas de leituras e ainda uma ajuda para acalmar minha filha que gritava querendo atenção. Apesar de não ter filhos, Pri, que dá aula de artes para crianças, me deu uma aula de empatia ao acolher tão bem minha menina. O dia terminou com um convite para passear em Londres com pouso garantido e o início de uma boa amizade. Pri me encheu de esperança. O afeto pós pandêmico existe.

POEMA

Eu grito
NÃO PODE!
Penso
NÃO FODE!

Falo
Três anos que repito!
Bufo
Comprei agora isso!

Atravesso
Eu sei que é gostoso
Limpo
Mas é gorduroso

Insisto
É de passar no pão
Continuo
Não é para comer com a mão

Ela me olha
Mãe, isso é só um requeijão!

AMOR

é um parto vaginal em uma rua sem saída

é o germinar de um cogumelo em meio à bosta da vaca

JULIO MACHADO CORREIA

PARABÉNS

fazer aniversário
como um menino
crescido olha
os dois lados da rua
antes de passar
para pegar a bola

no caminho descalço

os peitos dos pés
pretos de fome
por pedaços

da vida

sabe
da noite
que cobra
a carcaça
que sobra

do café da manhã sobressaltando

(o cansaço nas pálpebras de um velho padeiro
– esse país depois que se bate

[o ponto é fogo)

o tempo de gente partindo
o bolo que se pode partir o

parabéns

fazer aniversário
como um adulto
em dia de festa
comemorar a vida
mesmo se falta
esta ou aquela
desculpa
eu não tenho
mais idade pra isso

CHEGADA

inverno amarelo e azul
crisântemo alecrim
eu nunca acreditei

a porta meio aberta
pétala em riste sobre
o batente envernizado

encanamento de vento sul
cristais em sinos uivos
eu nunca acreditei

mas você veio
orvalho oblongo sob
a ponta do relâmpago

EVAPORAÇÃO

estendi teu nome
molhado no varal
junto às roupas
lãs linhos lavanda
laranja lilases sob o sol

presas
pelos grampos
as peças
secam

mais tarde
estiquei os braços
recolhi no cesto

dobrei
saudade

SOLIDIFICAÇÃO

no verão vermelho hortênsia
o domingo saturado

você chegou brilhante ideia
pôr clichês em prática

*se a vida te der um limão
faça uma limonada*

botamos no freezer
as formas mais adequadas

eu disse agora é só esperar
a vida é um sopro

você me olhou no osso
parou o tempo

LIBERDADE

A manada das gaivotas
depois da escotilha,
antes do naufrágio.

LEONARDO RAIMUNDO

TEMPESTADE

Era tarde, o negro véu se estendia por trás da lua que seguia sua rotina, iluminando a vida mundana. Ela se erguia sublime entre as nuvens, esbanjando beleza e graciosidade, até mesmo a mais brilhante estrela se tornava uma coadjuvante perto dela, a noite era seu espetáculo e o céu, seu palco. Cá em baixo, na terra firme, estava seu público sempre atento, árvores, rochas e os pequenos animais da floresta, que se estendia calma, serena, como se estivesse a dormir - poucos eram os ruídos que se atreveriam a quebrar o silêncio e vagar por entre os troncos dessas antigas árvores. Eventualmente o silêncio foi se rompendo aos poucos, pois já estava quase na hora da orquestra noturna começar a tocar. Escondidos por toda a floresta estavam os grilos, que começaram gradualmente a tocar uma suave melodia em perfeita sincronia. Depois dos grilos vieram as misteriosas cigarras com suas pequenas flautas soprando a sinfonia da noite. Por último, eis que surge uma coruja solitária para fazer o papel de maestro, com seus grandes olhos atentos a observar seus músicos enquanto a orquestra da noite enche a floresta com vida. Agora o espetáculo estava completo.

Sutil como o caminhar de um gato o clima começou a mudar. As árvores, antes em repouso, agora balançavam suavemente seus galhos e folhas. O balançar começou aos poucos a ficar mais rápido,

frenético, acompanhado das primeiras gotas de água. Os animais, que antes vislumbravam o espetáculo da noite, corriam agora para as tocas à medida que a chuva se tornava mais severa e constante. No céu as nuvens corriam em direção à lua, para entorná-la e protegê-la, pois havia agora novos reis a governar o reino dos céus. Relâmpagos rasgavam o véu da noite como se fossem raízes de uma planta acompanhada pela imponência dos trovões.

Estávamos planejando essa viagem há meses, e não íamos remarcá-la por causa de um fim de semana de chuva. Portanto, quando chegou o dia de por o pé na estrada, seguimos com o plano: colocamos as bagagens no carro e saímos rumo ao interior. Era essa a maneira que Júlia e eu tínhamos de aliviar todo o estresse causado pela correria e compromissos delirantes da vida na cidade grande. Nada de atender telefonemas áspersos o dia inteiro, nada de trânsito se estendendo por quilômetros até sumir no horizonte, nada de prazos, nada de comer às pressas para chegar ao próximo compromisso, nada, nada além de nós dois em meio à natureza.

Pegamos então o carro e seguimos pela rodovia. A chuva nos acompanhou durante boa parte do trajeto, aterrissando de forma suave sobre a lataria acinzentada do carro, nos proporcionando um som ambiente natural e constante. É claro que ela não ajudava nem um pouco na visibilidade. Para piorar, o sol também não ajudava, sempre envolto por nuvens dando ao céu e ao dia uma coloração cinzenta. Mas a viagem valia à pena, pois logo fomos recebidos pela imensidão de verde disposta por hectares e mais hectares de mata nativa esperando para serem desbravadas por um casal de jovens *geeks*. E quanto mais adentramos no estado menos cidade grande nos acompanhava. Estávamos em uma corrida e ao que

parecia estávamos ganhando por grande diferença, nada de carros à frente. Olho no retrovisor e nada de carros atrás, a rodovia era toda nossa.

Com a chegada da noite, vem também a chuva que desta vez volta para rasgar e castigar. Esta não mais aterrissa suavemente na lataria, pelo contrário, a esmurra como o martelo nas mãos de Hefesto. Tamanha é sua força que somos obrigados a sair da rodovia e pegar uma estrada transversal feita de terra onde paramos para esperar a tempestade acalmar.

Acordamos ainda envoltos pelo espesso véu de luar que cobria grande parte do acampamento, este que projetava sombras dançantes sobre o tecido translúcido da nossa barraca. A sensação era de desconforto, a temperatura tinha caído de forma drástica durante a noite. Júlia alcançou uma das malas e foi retirando alguns agasalhos e cobertores que tínhamos trazido por garantia.

Ao puxar suavemente o zíper e abrir a saída da barraca para dar uma olhada lá fora, ficamos perplexos. O chão, antes verde, estava agora coberto por uma fina camada de neve! Neve? Nessa região e estação do ano? Simplesmente bizarro! E, ao que parece, esse tempo maluco veio pra ficar. Aos poucos começamos a sentir a presença de pequenas partículas esbranquiçadas dançando lentamente enquanto mergulhavam em direção ao solo. Não podíamos passar a noite ali. Iríamos congelar com certeza. Portanto, sem muita demora, Júlia e eu começamos a levantar acampamento, deixando para trás apenas um rastro homogêneo de neve e terra.

Barulho suave de metal deslizando no metal e, com uma girada de pulso, coloco a ignição para rosnar. Não é possível que esteja tão frio a ponto de o carro ter congelado, só pode estar de brincadeira. Seguiram-se mais algumas dezenas de tentativas frustradas e nada

do motor ligar. Vamos ter que continuar a pé mesmo, propôs Júlia, a cidade mais próxima fica a alguns quilômetros. Abandonamos o carro carregando conosco apenas o essencial. Roupas quentinhas, documentos, eletrônicos e tudo de comida que coubesse em duas mochilas.

No caminho para a cidade mais próxima passamos por pontos de referência notáveis. À nossa direita, agora em ruínas, encontravam-se restos da estrutura do que um dia foi uma próspera fazenda com suas paredes de tijolos avermelhados condenadas à decadência e aos maus tratos do vento e da chuva. Paredes que carregam a história de décadas passadas agora inclinando-se rumo ao esquecimento do presente. Suas bases escondidas, em meio à imensidão de verde que cresceu em seu entorno. Verde que cresce como a natureza foi feita para crescer quando se vê livre da intrusão do homem. Verde, verde. O mato não deveria estar coberto por neve?

Putá que pariu, olha lá! Exclama Júlia ao apontar para o sedan cinza que se encontra aos pedaços mais à frente, fora da estrada, de encontro com as árvores. Imediatamente corremos em direção ao carro para ver se tinha alguém ferido, mas já haviam prestado socorro, pois tudo que encontramos no carro foram estilhaços de vidro, metal retorcido e espirros de sangue. Depois de inspecionar o acidente continuamos nossa caminhada, a noite estava longe de terminar e longe também estávamos nós da cidade.

Uns dois quilômetros depois nos deparamos com mais um ultraje orquestrado pela natureza. Vento e chuva juntos trabalharam para manufaturar um muro de lama, rochas e vegetação, morro abaixo, que cobria a estrada de um lado ao outro tornando impossível a travessia. O jeito seria contornar por uma das trilhas que acompanham a estrada paralelamente. E assim fizemos.

Oscilante, ainda assim suave. A cauda do gato atento, o amarelo das chamas, a luz que dança de parede à parede, hipnotizante, os olhos da serpente.

Finalmente saímos da mata e, ao que parece, estávamos de volta à civilização. Ahh teremos uma estória e tanto pra contar quando voltarmos pra cidade grande. Mais à frente chegamos ao posto policial, justamente o que precisávamos. Uma das janelas laterais estava aberta e era possível ver a luz tremeluzente de velas iluminando o cômodo. Provavelmente estão sem energia por causa da tempestade. Algum infortunado deve ter se perdido na pista e batido num poste. Demos então a volta em direção à frente do posto policial.

Boa noite, oficiais. Nem acredito que conseguimos chegar até...*isso não parece certo*. Olhei para Júlia sem mover nada além dos olhos Jú...Júlia?

Eu percebi também, sussurrou Júlia em resposta. Após alguns segundos de hesitação me dirigi novamente ao grupo de homens: Senhores...?!

Os olhos, os olhos deles porra!, gritou Júlia.

Caralho, corre Júlia, corre!

Cansados e confusos, Júlia e eu corremos o mais rápido que conseguimos para fugir do estranho grupo que nos perseguia. O caminho à frente era feito por uma série de pontes de madeira que cortavam a mata e atravessavam um pântano. Nunca corri tanto na vida. Demos as mãos e seguramos firme, a última coisa que precisávamos naquela noite era nos separarmos.

Surpreendentemente, nossos ávidos perseguidores não eram tão ávidos afinal de contas. Depois de alguns minutos de correria paramos no meio de uma das pontes, tomamos fôlego, e prestamos atenção ao redor. Não víamos, felizmente, nem uma silhueta ou sombra atrás de nós, e os únicos barulhos que ouvíamos eram dos grilos e das cigarras. Não querendo abusar da

sorte, tratamos de continuar seguindo em frente o mais rápido possível e quando achávamos que a noite não tinha como ficar mais bizarra...

Legal, agora estamos em um dos filmes do Clint Eastwood. Que porra de lugar é esse que parece uma cidade de faroeste? Chegamos ao que parecia um vilarejo parado no tempo. No centro uma praça cujo chão de terra batida soltava pó que girava e girava com o sopro do vento até formar pequenos redemoinhos de poeira que se dissipavam logo em seguida. Estabelecimentos de madeira que lembravam os antigos *saloons*, ou bares da época, circundavam a praça formando uma espécie de semicírculo. Uma estrada de chão seguia por entre as construções até se perder no horizonte. No lado oeste da praça podia-se enxergar uma espécie de igreja construída toda em pedra no topo de um morro. A propósito, a única estrutura de pedra em todo o local aparentemente. O morro em volta e abaixo da igreja funcionava como o cemitério da cidade. Ao longo da estradinha de chão, que saía da porta da igreja e descia morro abaixo, estavam dispostas lápides de pedra e cruzeiros de madeira indicando locais de sepultamento.

Ao pé do morro encontramos o que parecia ser o padre da cidade, com uma lamparina a seus pés e uma pá em mãos cavando uma sepultura. O velho, vestido em preto do chapéu à capa de chuva, portava uma expressão perturbada no rosto, e ao que pude notar, uma grande e enferrujada chave pendurada em seu pescoço por um cordão. Ao perceber a nossa presença o velho medonho ergueu a cabeça e a virou de modo que pudesse nos encarar. Seus globos oculares negros como a noite. Ainda no posto policial pensamos ter sido algum efeito de luz ou a nossa imaginação, mas essa criatura horrenda em nossa frente provava o contrário. A criatura então solta uma risada macabra

que ecoa por todos os ossos do meu corpo, travando todos os meus músculos. Eu fico ali, estático, hipnotizado. Medo, agora eu sabia seu real significado. Foi quando ouvi por entre os murmurinhos e turbilhões de vozes em minha mente...a voz de Júlia. Quando tomei conta de mim Júlia me puxava para longe da criatura que caminhava em nossa direção calmamente em passos firmes e olhar penetrante.

Júlia me puxava pelo braço e me guiava em direção à estrada entre as construções, quando de repente uma parede do mais vívido fogo se formou em nossa frente bloqueando a passagem para a estrada. O fogo se alastrou rapidamente, consumindo vegetação, madeira e até mesmo o chão de terra de uma maneira faminta e sobrenatural. Não há saída. Estamos entre uma parede de fogo e um padre demoníaco! Eu abraço Júlia fortemente e juntos fechamos os olhos. Eu te amo!

Névoa carmesim deslizando deserto afora, compelir, estugar abafado, negras correntezas ao vento, meu reino a seu favor.

À distância começamos a ouvir ruídos, à medida que o barulho se aproximava, ficava mais evidente que se tratava do galopar de um cavalo! A cena que presenciamos a seguir foi da mais linda desenvoltura. Um jovem garanhão negro saltou por entre as chamas e disparou em direção à criatura que caiu no chão com um urro. Pensamos que nosso momento de esperança tinha se esgotado, pois o cavalo desapareceu por entre as chamas com a mesma velocidade que antes tinha aparecido. Porém, ao olhar de volta para o centro da praça percebi que algo de novo havia surgido. Uma espada prateada se encontrava cravada no chão de terra. Deixei de lado qualquer racionalidade e sedentamente segui em direção à espada. Como o jovem Arthur antes de mim, segurei firme a ponta da espada e em um puxão a arranquei do chão. A

terra deslizando pela lâmina prateada que por sua vez reluzia com glória quase divina a luz das chamas que nos circundavam.

Vendo esta cena, o padre demoníaco ficou furioso e disparou em minha direção uivando de raiva. Brandindo uma foice na mão ele desferiu um golpe que acertou a minha mochila fazendo um rasgo e derrubando o conteúdo dela no chão. À minha esquerda ouvi Júlia dar um grito de desespero que chamou a atenção da criatura. Essa era a minha chance. Juntei toda a força que ainda me restava nesse corpo cansado e desferi um golpe que fez a espada atravessar o corpo da criatura, que imediatamente soltou um grito estridente de agonia e dor. Um espesso fluido preto começou a sair da ferida e a escorrer pela lâmina. Assustado eu retirei a espada e me afastei da criatura, que começou a se desintegrar e desaparecer no que parecia ser uma fumaça negra. A fumaça era tão espessa que quase pude tocar nela.

Nesse momento Júlia se aproximou e me abraçou enquanto observamos a criatura desaparecer. Tudo o que restou dela foi a velha chave de metal que outrora ficava pendurada em seu pescoço. Júlia pegou a chave, trocamos um olhar, e começamos a subir o caminho que nos levaria até a igreja no topo do morro. A porta da igreja era antiga, e toda de metal já enferrujando. Júlia colocou a chave na fechadura e deu uma volta completa. Segurou a maçaneta, deu um giro e a porta se abriu em nossa frente. Fomos recebidos por um clarão de luz azul...até que...aconchegante. Júlia segurou em minha mão, trocamos um olhar, e caminhamos em direção à luz.

CALOR

À Joana Leoni Pereira.

Esse calor que sinto com gosto,
quando sobre meu peito deita seu rosto.
Calor que tem cheiro, forma e fios de ouro,
esparramados sobre a cama feito um grande tesouro.

Dois gatos manhosos, cafezinho pela manhã,
ou abraçados, assistindo, embrulhados num cobertor.
Calor é tempestade, assusta, mas depois acalma,
aproxima e fortalece, acalenta a alma.

Calorzinho bom, eu e você ouvindo a chaleira,
Frida se espreguiça, suas patinhas estica
e pula feliz sobre a cadeira.

POESIA

é o ato de evocar imagens e emoções por palavra.
um enigma, um quebra-cabeça indecifrável

LUÍSA CHINI BAPTISTA

SEMEADURA

convivo com a certeza de portar uma árvore de pitangas na barriga desde as primeiras férias da escola, quando as mãos de meu pai voltavam lá do alto carregando até mim o cheiro imenso das frutas pequenas, e aquele velho aviso - se comer o caroço vai nascer uma árvore na sua barriga.

é incrível como o cheiro da pitanga ultrapassa valendo o tamanho do seu corpo de fruta: aroma de dimensões místicas e notas cítricas, um quê de doçura, e um tantinho de cheiro da parte interna de um galho verde descascado à mão.

quando ainda não está madura, pitanga cheira a coisa que só vai repuxar a sua cara, e para saber se está no ponto, aprenda: cheiro do instante em que o vermelho deixou a adolescência do laranja e ainda não entrou com tudo na anciã doçura do roxo.

se estivesse disponível nos supermercados, pitanga estaria em uma bandeja embalada com insulfilm para que o cheiro não escapasse e preenchesse a gôndola de frutas com a lembrança da infância de toda a gente. também estaria mole por asfixia, apartada de viver as histórias na rua, sem poder ver cada uma que inventava um jeito de subir nos galhos atrás do cheiro vermelho-exato: era pezinho, cadeira da vizinha, chinelo, ou pé descalço mesmo. a gente colhia e replantava as sementes de cuspe, os passarinhos colhiam e replantavam de cocô - às vezes em nossa cabeça.

uma árvore carrega no âmago dos seus frutos a possibilidade de muitas outras árvores, isso é certo. mas a questão atual é de mira e memória: precisa acertar o plantio nos pequenos espaços quadrados onde o verde respira, e lembrar de contar as histórias das frutas que não couberam nas prateleiras.

nos canteiros da cidade, entre um cocô de cachorro e uma bituca de cigarro, semente é cápsula de acreditar no cheiro dos ventos que vêm. pitanga resiste nas ruas e quintais, firme na terra por debaixo da calçada e do asfalto, rebrotando seu verde-sangue mesmo se podam bem embaixo.

teimosia para que as crianças dos adultos do futuro também possam ter memórias de pitanga a compor os seus dias. algo dentro de mim anseia por vida gigante ao fruto vermelho pequeno, que ainda cresça por muitos amanhã. talvez seja aquela velha árvore na minha barriga sacodindo seus galhos. das poucas certezas que tenho em vida, a preferida: quando eu morrer, meu corpo será terra debaixo dessa pitangueira, os passarinhos e as crianças vão fazer viver o seu cheiro, espalhar suas sementes, e assim por diante. que sorte.

-

João caminha firme em
seu terno pelo centro
da cidade
atrasado e certo
de não tropeçar
evitando qualquer
possibilidade de cair
no poema
(matéria escorregadia:
para joelhos dobráveis,
certa disposição ao desvio
e ausência de ombreiras)
o rádio da vizinha ao fundo
começa a tocar nina simone
e pelo cantinho do olho
avisto qualquer coisa que
emerge
do homem duro
a balançar de leve
seus ombros
para frente e para trás.

POEMA DE IMPULSO

não confie neste poema
mas querendo se jogue
pelo gosto da queda
você pode escolher uma história
para encorpar coragem
e abanar o medo que sentou na janela,
enjoado e de óculos escuros
segure a narrativa pela mão
como quem aperta um terço
quando a vida em si
fica apertada
mas construa fé
com os dois pés no chão,
de que outra forma pegaria
impulso de voo?
veja,
este poema
se transformou em um
caramujo-depois-da-chuva
e você ainda está segurando
os óculos do medo
e o terço
(como se lhes devesse algo)
vamos, tente soltar
a gosminha que fica
no chão quando a gente caminha
com o mundo nas costas

e acha que não pode sacudir
por favor,
se quiser sacudir
saiba que pode
ir deslizando
esvazie sua concha
do mundo dos outros
e recomece este poema
por dentro.
- o medo que se vire com seu estômago frágil -
prossiga
mesmo que
goela abaixo
seguido de um copo de chá
ou algo mais forte quando necessário
mas em hipótese alguma
tente fazer gargarejo
em público
se depois não for
cantar a história
de um poema qualquer
que lhe emprestou
as asas
com caramujo, terço
medo
e tudo.

conFIAR (ou conFIANÇA)
tecer a vida
com um fio
que sai
do que há
de mais real
em mim.

MEDO
(substantivo feminino)
me dá medo
do medo que
me dão.

MARIA CÂNDIDA DE AZAMBUJA

PROJETANDO PRISMAS

Uma sensação quente escorrega pelo meu corpo.
Como quando mergulho: fecho os olhos.

Suponho ter levado um balde de água na cabeça, igual ao que não tive coragem de jogar do alto do prédio que morava, provocada pelas crianças de minha rua. Será que estou sendo alvo de uma menina desafiada?

Imagino a cena: o alívio sentido por quem conseguiu vencer o pudor e jogou a água, e a farra em volta. O sol atravessando as gotas de água, projetando prismas. Estou prestes a perdoar as crianças, ficar molhada e sem mágoas, quando me dou conta de que estou seca.

Abro os olhos: um pombo cagou em mim.

No lugar dos prismas, aquele excremento de cor verde, que é uma mistura entre cocô e xixi, escorre deixando um rastro branco no meu braço. Tem merda por tudo: cabelo, óculos, máscara, minhas proteções.

A realidade é mais miserável que as elucubrações. Não há quem possa ser perdoado. Passo pelo constrangimento sem propósito: não aliviei nem dei alegrias para ninguém.

ALÍVIO

a fumaça de um cigarro celestial descansando
nas varandas de saturno.

CULPA

a raiz funda que entra pelo cano da minha rua.

VICTOR HUGO MARTINS

SABÁ

Era um ritual. Não me lembro ao certo do princípio, de quando ou como se iniciou, essas coisas, você sabe. Nunca fui bom com datas, mas me lembro de tudo, eu disse. Havia um pudor em minha cólera, algo próximo de uma masculinidade contida, que até hoje não sei definir. Já se vê que a coisa não vai bem quando as mãos tremem ao acender o próximo cigarro, afinal, a ponta de meu dedo indicador e do médio da mão direita vem se tornando cada vez mais amareladas com os aditivos do tabaco. Seria essa, agora, a cor de meus pulmões? Camadas de ocre que se alastram pelos bronquíolos, impregnando cheiro de enxofre nas paredes pneumáticas. Pneuma e psique vão ao encontro no que tange o sentido grego; ambos são simultaneamente respiração e alma. Gosto de “sopro”. O deslocamento do vento é a magnífica energia invisível da entropia, que se expande *ad infinitum*, causa dos efeitos caóticos propagados no tempoespaço. A fumaça densa num bloco vertiginava a atmosfera corrompida para o sopro da vida se diluir pela penumbra gélida. A flor morta, a concha sob a folha, o copo de cachaça com vinho, seis cigarros, três para cada, o cinzeiro, a luz baixa sob o jogo, o vestido de cetim azul-esverdeado e o batom matte escuro de um lado, o sobretudo e a boina pretos do outro. Você fez o primeiro movimento com a mão trêmula, e eu estive hipnotizado por muito tempo na negrura dos teus

olhos. Mas meus movimentos são rápidos e incontidos, num espasmo de sobrevivência irreal porque a morte, apesar de ser apenas mais uma palavra dentre um grande arsenal, sempre vem. E por isso se coloca a todos. A ânsia pela sobrevivência atingia seu ápice. A consumação do ato pulsional, eu só pensava nisso. É por vias discretas que se concretiza o desejo. Hoje vejo. Olhar o olho que olha. Os elementos xadrezistas dispõem de uma estrutura latente que, porém, indicam o objetivo de domínio sob o tabuleiro. Delirava? Ou era outro sonho? Acredito que não encontrarei resposta, mas o mecanismo singular das peças enquadradas no preto e no branco capturavam a minha sede. Por que desígnios o que houve no big bang situou a mostra de tal ritualística? Também não devo encontrar resposta. Os espirais apenas vertem, não emanam luz, dissipam-se contra forças moleculares. Não há como voltar atrás devido à mecânica do jogo; cada ato situa a concretude da vez do outro. Posicionar-se: eis o que há de mais mínimo. Você vacilou em sua posição, dei o xeque-mate. Não sabíamos que este encontro seria nossa despedida.

CANTO DO GANSO

Dei aquilo que tinha de mais precioso,
Na falta de dar aquilo que não tenho;
Onde me perdi é de onde venho:
Uma redoma ante o templo ocioso.

O brilho fosco de minhas moedas
Fez-me esse homem desiludido
Em confusões sempiternas, aturdido
Por tal carne fenecida e gélida.

Descomunal caricatura do poeta
Que precipita, vendado, ao cadafalso
Esperançoso a encontrar corpo em percalço
Nas ruínas da cidade de Creta.

Oh, cândida donzela, agora sei
Que se em terra de amor não oiço eco
Não é pelo vintém, mas o repeteco
De não ter aquilo que hei.

Agora chega de tal patifaria, pois hoje canso
Desse homem perdidamente entristecido
Preso à máscara, com o rosto encardido
E tornar-me-ei, sem face, um ganso.

Nado pelas correntezas do rio do Nada
Sentindo a falta que irrompeste no cerne
Esburacando de dor a alegria asfixiada
Com efeito, canto de dor do fundo, o que difere
D'outros pássaros que abandonam a presepada
Para ouvir meu lamento profundo que aderne

Em casa a passear, a passear...
Esse oceano de heu disfônico
Apesar de tudo, exaspere
A voz que vem a findar.

CASTRACÃO

é um pinheiro que sangra partido por um raio súbito
numa noite de nuvens prateadas.

VITOR ABREU FARACO

PAPEL

Às vezes me assusta, dá angústia, atormenta. Por outro lado, é cheio de possibilidades, compreensivo e paciente.

Fico com medo em provas de humanas, trabalhos escritos e quando estou em conflito comigo mesmo, com tantos pensamentos, mas nenhuma palavra para pôr ali.

Abriga sentimentos, histórias fascinantes, anotações da matéria ou simplesmente a compra do dia, de qualquer forma estará do nosso lado quando precisarmos.

VIVA

Quem busca uma boa história
É melhor começar a viver
Fazer de tudo, o que desejar
Viva rápido, seja selvagem, se divirta
No final, terá uma ótima história para contar
A vida é a história da nossa morte
Você decide se será memorável, boa sorte!

ANA ZARETSKY é aspirante a escritora, roteirista e atriz. É bacharelanda em Cinema e Audiovisual, pela UFPE, e participa da vivência de teatro na Cia Nosso Olhar.

CAROL FERRARI é artista da dança. Licenciada em Letras pela UFSC, desde 2020 vem reavivando seu interesse em compor poemas. Brincando com o corpo e as palavras ritmadas, existe e resiste no (seu) mundo.

CLARA MOTTA é psicóloga e psicanalista. Integra o Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC, onde pesquisa as intercessões entre escrita, experiência e subjetividade. Atua no consultório particular e em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos.

DALITA LAURINHA SCHMOLLER é terapeuta integrativa, escritora e palestrante. Atua na busca da Consciência do Ser e no entendimento psicossomático e biológico dos sintomas frente aos traumas vivenciados desde a concepção. Gosta de escrever conteúdo para a alma.

JULIANA RABELO é jornalista freelancer. Feminista, escreve reportagens focadas em questões de gênero e surfa na onda da poesia e da crônica.

JULIO MACHADO CORREIA é porteiro, professor e poeta incipiente. Cursa licenciatura em filosofia na UFSC e leciona na mesma área na rede pública estadual de Santa Catarina. Tem entendido a poesia como trabalho também.

LEONARDO RAIMUNDO é escritor iniciante e professor. Licenciado e bacharel em Letras - Inglês, pela UFSC, na linha de pesquisa em literatura comparada. Atualmente estuda desenvolvimento de sistemas e atua como bolsista no LabEEE - UFSC.

LUÍSA CHINI BAPTISTA é poeta e escritora em formação. Cursou letras na UFRGS e atualmente cursa psicologia na UFSC. É professora de yoga e meditação.

MARIA CÂNDIDA DE AZAMBUJA é professora, se interessa por exercitar as diferentes formas da linguagem e acredita na luta por uma vida digna para todos.

VICTOR HUGO MARTINS é entusiasta na escrita. Estudante de Psicologia na Unisul, possui interesse em Psicanálise, participando do Clube de leitores de Jacques Lacan.

VITOR ABREU FARACO está cursando Ensino Médio Técnico Integrado em Saneamento no IFSC. É bolsista do projeto Clube de Escrita do campus Florianópolis.

O I Laboratório de Escrita do IFSC integra o Clube de escrita, projeto de extensão do IFSC Campus Florianópolis, coordenado pela Prof^a Elisa Tonon.

Bolsistas **Leonardo Raimundo** e **Vitor Abreu Faraco**

A primeira edição do Laboratório foi realizada com a oficina **“Antes de esquivar, depois de escrever”**, de **Patrícia Galelli** ministrada nos dias 14, 21 e 28 de junho e 5 e 12 de julho de 2022, das 14h às 15h30, no LabTexto do IFSC Florianópolis.

Para acompanhar programação e ações do projeto, acompanhe nossas redes

Facebook: www.facebook.com/clubedeescritaifsc

Instagram: [@clubedeescritaifsc](https://www.instagram.com/clubedeescritaifsc)

Twitter: [@clubedeescrita](https://twitter.com/clubedeescrita)

Email: clubedeescrita.ifsc@gmail.com

Copyright © 2022, dos autores.

Organização

Patrícia Galelli
Elisa Tonon

Capa

Esculturas de Franklin Cascaes
em fotografia de Patrícia Galelli

Apoio Cultural

Editora Nave

CLUBE DE ESCRITA DO IFSC

Elisa Tonon (coordenadora)
Vivian Bueno (colaboradora)

Bolsistas:

Akira Yuu Ardino da Cunha
Camila Marley Cajales Teixeira
Fernanda Brescia Avelar
Gabriella Santana da Silva
Guilherme Lorenzo Martins Carvalho
Izadora Coelho
Julia Eduarda dos Santos Flausino
Leonardo Raimundo (bolsista)
Lívia Aguiar Martins
Lucas de Castro
Thayná Kraemer
Virgílio Scheller Cruz Batista
Vítor Abreu Faraco (bolsista)
Vitória Krone de Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Primeiras pessoas [livro eletrônico] : coletânea
de textos do I laboratório de escrita do IFSC /
organização Patrícia Galelli, Elisa Tonon. --
1. ed. -- Florianópolis, SC : Editora Nave :
Laboratório de Escrita IFSC, 2022.

Vários autores.
ISBN 978-65-84762-05-3

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras
3. Poesia brasileira I. Galelli, Patrícia.
II. Tonon, Elisa.

22-128470

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

